

RACHA COM DATA MARCADA

A discussão e votação no diretório nacional do PT teve dois palcos. Um, para efeito externo, condicionava a existência da frente de esquerda para disputa as eleições presidenciais à candidatura de Anthony Garotinho no Rio. Outro, interno, para mostrar quem manda no PT. Ao radicalizarem suas posições, tanto Lula quanto Vladimir Palmeira estavam numa queda-de-braço como representantes de dois grandes grupos em que se divide hoje o partido. O resultado revelou que o grupo de Lula, apontado como de direita por defender alianças partidárias para chegar ao poder, é majoritário. Mas a esquerda, em que se abrigam tendências que ainda defendem a ruptura política como forma de luta, também deixou claro que tem dentes afiados.

Uma separação entre esses dois grupos é considerada inevitável e tem até data marcada - 1999, quando acontece o Congresso Na-

cional do Partido. O PT pode se desdobrar em duas ou mais siglas. Uma separação dessas nunca aconteceria nesse momento, quando há uma eleição tão próxima. Não interessa a ninguém um rompimento agora, já que estão todos no mesmo guarda-chuva de uma sigla partidária estruturada e com militantes dedicados. A disputa resumiu-se a uma contenda prévia entre os dois grupos.

Para Lula, manter o acordo com Brizola era uma questão eleitoral importante, não apenas como forma de preservar a aliança de esquerda. Era importante demonstrar para os eleitores que ele tem poder, força e influência no partido. "Se voltasse atrás, Lula carregaria esse fardo durante toda a campanha", resumiu o deputado José Genoíno. "Alguém sempre iria perguntar se, como presidente, ele aceitaria que um estado vetasse o nome de um ministro". Lula levou e se fortaleceu. (A.S.)